

FOLHA POLITICA E LITERARIA.

SUBSCREVE-SE A 25500 RS. POR TRI-
MESTRE (13 NÚMEROS) E VENDE-SE CADA
FOLHA AVULSA A 200 RS. NESTA TYP.

SABBADO 12 DE JUNHO.

MARANHAO TYPOGRAPHIA DA TEMPERAN-
ÇA, IMPRESO POR MANOEL PEREIRA
RAMOS, NA RUA FORMOSA CASA N. 2.

EXTERIOR.

Corresp. do Jornal do Commercio.

Paris, 13 de março.

Tão estrepitosas tem sido as alegrias manifestadas nas altas regiões administrativas, em consequencia da recente reconciliação de Guizot com lord Normanby, que talvez nem a propria notícia de que Inglaterra tinha emâm pedido o *exequatur* para o seu consal de Argel, tivesse produzido maior efeito. A *Presse* e o *Jornal dos Debates* entoáram hymnos de triunfo; Guizot celebrará o faustíssimo acontecimento com um jantar a todo o corpo diplomático; um enorme rosbife se encontrará, em plena Mancha um dia destes com um timível queijo de Chester, em signal de reciproco contentamento.

Para dizer a verdade, assaz motivos tem tido a diplomacia francesa para se dar por contente de toda a marcha deste negocio, em que a Inglaterra, depois de se ter desmandado em arrogancias inuteis, só recolheu ampla colheita de humiliações e de desares. Foi o proprio gabinete inglez quem tomou a iniciativa da reconciliação, pedindo ao embaixador austriaco que se encarregasse do papel de mediador; foi lord Normanby quem retirou a sua arrogante pretenção de uma retractação da tribuna; foi o mesmo lord Normanby quem, depois de ter estabelecido, como condição *sine qua non* da paz, a inserção de um artigo no *Monitor*, em que o facto fosse referido ao seu modo, acabou renunciando a esta segunda pretenção, do mesmo modo que tinha renunciado á primeira; em fin, para que nada faltasse de tudo quanto podia ser proprio para lisonjear o amor proprio do ministro frances, uti se lavrou, *ad perpetuam rai memoriam* uma espécie de auto ou assento, assinado pelo conde de Appony, em que este declarou que com efeito toda a iniciativa da reconciliação proveio realmente de Inglaterra, sem que Guizot tivesse cedido uma unica polegada do seu terreno.

Aqueles, para quem, fóra da aliança ingleza, não pôde haver salvação, e que por isso mesmo almejou pelo restabelecimento da *cordial intelligencia*, tem tomado todas estas concessões de Inglaterra por penitentes ou arrhas seguras de completa e duradoura reconciliação entre os dous gabinetes; porém enganão-se redondamente; a prova é que o rei Leopoldo, de cuja mediatura se esperava este milagre, acaba de recusar, em consequencia de insinuações que lhe vierão de Londres, o ofício de mediador que lhe foi oferecido pelas Tulherias. A politica ingleza nunca produziu cegos, se entendem que devia re-

cusar tanto, como recusou, nesta dissensão pessoal entre o seu embaixador e o ministro frances, não foi senão porque gravíssimos interesses o exigiu. O interesse é o único alvo a que faz constantemente a pontaria a razão do estado de Inglaterra, em todas as suas operações.

Porém já vejo que depois de me ter explicado tão claramente, como acabo de fazer, sobre a existencia de motivos secretos da parte de Inglaterra, constituido fico na obrigação de declarar quais serão esses interesses gravíssimos que assim obrigarão o governo de Londres a fazer á face da Europa tão triste figura, como fez, em uma questão que tinha atraído de uma maneira tão especial a atenção de todos os gabinetes. A explicação satisfactoria deste enigma não me parece difícil. Eis-aqui tem o leitor a minha opinião particular: medite-a e considere-a, e veja se dei no vinte.

O governo inglez tinha necessidade de contrair o seu emprestimo de 8 milhões esterlinos, e de contrabí-lo sem a mais pequena demora, porque as circunstâncias erão urgentes; mas para que a operação podesse realizar-se com a vantagem possível, era necessário removor sem perda de tempo a ideia de uma dissensão entre os dous gabinetes de França e Inglaterra, que todos os dias ameaçava gravíssimas consequências; para que esta espada de Damocles, pendente sobre a praça, não fizesse esmorecer a confiança dos capitalistas, sem a qual nada seria possível obter. Daqui a convicção do governo sobre a necessidade de uma reconciliação imediata, ou pelo menos de uma apparencia de conciliação.

Estabelecido que não havia remedio senão tomar por este caminho, claro estava que era preciso levar a causa de afogadilho, e foi o que com efeito aconteceu. O gabinete tomou resolutamente a iniciativa da comedia que ineditava, e expediu as instruções competentes a lord Normanby; o resto marchou seu difficultade, e segundo se tinha previsto. A reconciliação teve lugar; Guizot engoliu a pilula; a confiança dos capitalistas renasceu, o emprestimo contratou-se com a maior vantagem possível á vista das circunstâncias; mas quando Luiz Filipe, tomando a causa á letra, quiz ir mais longe, e encarregou o rei Leopoldo de consolidar, por meio da sua mediação, as pazes iniciadas debaixo de tão felizes auspicios, no mesmo momento encontrou entre si e Inglaterra a antiga espinha do casamento do duque de Montpensier, e ficou convencido que, sem a renuncia formal do seu filho aos seus direitos eventuais á coroa de Hespanha, não havia a mais pequena esperança de reconciliação sincera e duradoura.

Ainda não chegou Christiano, porém

não tarda, porque já está em caminho. Fez bem em se vir saudando de Hespanha, enquanto podia fazê-lo sem perigo; porque pela maneira porque as cousas se vão encarreirando neste paiz, de todas as desgraças se devia recorrer, sem excepção da ultima do cadasfalso. Por agora todos os inconvenientes da sua conservação em Madrid se reduzão á necessidade em que se via de tragar todos os dias um novo calix de amargura á saude da familia do infante D. Francisco, com quem se achava em cordial desintelligencia; porém apesar Cabrera tomasse o commando do exercito carlista de operações, o que não pôde tardar, subirão as cousas muito de ponto. Todos sabem que o temível Aragonez fez voto de sacrificá-la aos manes de sua mãe, fuzilada por ordem da ex-regente; e com votos de pessoas de tal carácter, como Cabrera, não ha brincadeiras que ter. Será definitivamente em França que esta magistada fallida fixará a sua residencia exterior. Seu marido naturalizar-se-ha França, e tomará assento na camara dos pares, quando for tempo; entretanto já Luiz Filipe para preparar-lhe o caminho para a destino que o espera, lhe conferio o titulo de duque de Montmorat, de que ficará igualmente usando sua mulher. Montmorat é uma pequena aldeia junto do Jura, onde Christiana, antes da sua ultima partida para Madrid, comprou aquellas ricas salinas que hoje posse, e com quem a imprensa de Paris tanto se occupou por essa occasião.

Espera-se aqui dentro de poucos dias o conde de Mensdorf, parente muito proximo da rainha Victoria, e do rei da Belgica. Ha muito quem veja nesse aquella feliz affinidade de intermedio de que se necessita para operar a fusão tão desejada entre as duas cortes de Londres e de Paris; porém já todos sabem que o verdadeiro theatro da sua missão pacificadora não é Paris, é Lisboa; se por aqui faz caminho, é unicamente para recolher de passagem os conselhos do grão político das Tulherias, que, tendo langido Portugal na crise em que se acha, e a familia acinante no perigo em que se vê, deve ter mais interesse que ningnem em desembarracá-la dos apuros em que a pôz. Um dos pontos principaes das instruções dadas ao illustre mediador pelo rei da Belgica, que foi quem lhe commeteu a missão de que se acha encarregado consiste em solicitar a expulso do façanhoço conselheiro alemão Dietz que passa por inspirador da politica das Necessidades, não obstante dever a familia real á sua milagrosa administração as grandes sommas que por sua conta estão depositadas em diferentes bancos da Europa, e de cujo producto poderá viver honradamente se alguma catastrofe a pôz na necessidade de emi-

grar. A invencível antipathia do paiz contra o milagroso administrador é suficientemente apreciada pelo rei da Belgica; porém as contas que elle lança, fundadas na suposição de que o sacrificio do conselheiro será bastante para produzir a reconciliação da familia reinante com a nação, não de lhe sahir furadas. No estado a que tem chegado a irritação do paiz é impossível que a exaltação dos espíritos se contente com bagatelas.

Foi um pouco prematura a notícia, que se espalhou na camara dos deputados, do falecimento do ministro da justiça Martin do Norte, porque só bontem 12 é que realmente faleceu. Esta circunstancia tem até agora embarracado o procurador geral Hebert de recolher a sua sucessão; recolhê-la-há contudo, mas com uma reserva mui importante, calculada para dar satisfação ao partido eclesiástico, que não podia levar á paciencia semelhante nomeação. O ministerio dos cultos será desmembrado do da justiça, ou para ser reunido ao da instrução publica, ou para fazer o objecto de uma nova pasta, que, em tal caso, fará subir de nove a dez o numero dos membros do gabinete.

Raras vezes me custou ocupar com o que se passa no tribunal de polícia correcional desta cidade, porque só por acaso é que as questões que nello se agitam tem alguma relação directa ou indirecta com a política; desta porem não posso deixar de fazer menção de uma das suas mais recentes decisões, pelo que nella encontro de exorbitante, e além disto de curioso. A viúva do ilustre Hahnemann acaba de ser por elle condenada a uma multa de cem francos, por crime de exercício ilegal da medicina. Foi Orsila em pessoa quem quiz ter a coragem de lhe servir de acusador! O arreganho cora que a ré, munida de um simples diploma honorífico da academia americana de Allen-Town, se abalancava a exercitar a sciencia regenerada por seu marido, percebendo e exigindo honorários pingues e consideráveis, tinha certamente um pouco de extravagante; porém o facto da sua condenação é a prova mais completa que a faculdade de medicina de Paris podia dar da impossibilidade em que se acha de combater a doutrina que lhe faz sombra com argumentos capazes de convencer. Quando assim se recorre ao emprego de meios inquisitoriaes, é evidente que toda a confiança nas armas da discussão e do racionamento está inteiramente perdida.

Ninguem concluirá, porém, do que acaba de se passar, que as sympathias da população de Paris para o novo sistema tem esfriado: precisamente o contrario desta suposição é o que se verifica; e são os proprios medicos heteropathicos os que o dizem. Um dia destes, por exemplo, ouvi eu no collegio de France, da propria boca de Magendie, os mais amargos queixumes por causa da incrivel cegueira com que o publico da capital desertava dos gabinetes das primeiras sumidades medicas de Paris para acudir em cardumes aos de individuos tais como Crosorio, Laffitte, Petroz, Leon Simon, e outros, *ejusdem furiarum*, que, no conceito do queixoso, não passam de completos e refinadissimos charlatães: ora, quanto mais violentas são as injurias e invectivas de todos estes Escribas e Phariseos do velho testamento medico contra os pregadores da Boa Nova, vindos de Koethen, tanto maior é a prova

que dellas resulta a favor da mesma doutrina que se combate.

De resto, a exorbitancia de que a faculdade de medicina de Paris acaba de dar tão vergonhoso exemplo, está em perfeita contradicção com o recente procedimento do governo austriaco, que, bem longe de perseguir a nova crença, acaba, pelo contrario, de autorizar o exercicio da medicina homeopathica em todos os estados da monarchia, concedendo, além disto, aos medicos da mesma categoria a liberdade outrora tão defendida de preparar e administrar os medicamentos necessarios ao exercicio da sua arte. Esta resolução de um governo tão ilustrado, depois de tão grandes hesitações, é facto de muita consideração.

OS INGEZES NA INDIA.

Paris, 20 de fevereiro de 1847.

O reino criado pelo génio de Ranjet-Singh cesso definitivamente de ser um estado independente. Como tem acontecido a muitos outros, precipitou-se mais pelos crimes e pela loucura daquelles mesmos que maior interesse tinham na sua conservação, do que pela ambição europeia, ou esphera absorvente do domínio inglez. O Punjaub partilhou o destino comum a todos os impérios asiaticos que, criados por heróes, encherão o mundo com o brado da sua gloria, enquanto viveu o homem poderoso cuja alma lhe dava movimento e vida, desmoronando depois da sua morte em restos informes dos quaes até o nome se esquece dentro de poucos annos. Incapazes desses sentimentos de previdencia e de moderação que fazem a força dos povos europeos, estranhos a todas as ideias de organização social, insensíveis e como que surdos à voz do direito e da justiça, não tem os Asiaticos, salvo uma unica excepção, fundado impérios duradouros: as suas criações políticas parecem ter sido feridas mortalmente na nascença, e que foram destinadas a desaparecer como as trombas da urca que levanta por algumas horas o vento do deserto, e que se desfazem, logo que a natureza acalma, em pó inerte e estéril. Tal foi a sorte dos Mogols, dos dos Afghans, dos Mysore, dos Mahrattas e dos Sikhs: apenas se poserão em contacto com o génio europeu representado pelos agentes de uma companhia de negociantes, lavrou se a sua sentença, e bastou que a Inglaterra soubesse esperar, para que se lhe proporcionasse o dia em que, sem grandes esforços, e sem ser obrigada a fazer custosos sacrifícios, lhe era dado segurar a sua presa, impôr o seu jugo a tantos milhões de homens e a tantos povos outrora celebres, que já não são hoje corpos ou existências políticas. Tal será talvez, em um futuro ponto distante, a sorte de tudo o que até agora teu escapado na Ásia ao génio conquistador da Europa; porquanto, não nos devemos enganar, se as raças europeas parecem ter renunciado ás suas guerras intestinas, é porque se poserão em movimento para conquistar o mundo. A historia dos nossos ultimos cincuenta annos prova evidentemente.

O Punjaub, o reino dos cinco rios, como diz o seu nome, era um paiz que singularmente convinha aos Ingleses. É a porta da India, a estrada necessaria por onde tem recebido todos os seus conquistadores, destes Alexandre Mahmoud e

Ghaznevid, até Baber e Nadir-Shah, e contudo, graças aos seus cinco rios dispostos pela natureza quasi paralelamente uns nos outros, é um territorio que apresenta á defensa um sistema de linhas estratégicas com o qual é mais que facil fazer uma posição militar quasi inexpugnável. Conquistar o Punjaub, era para a India britannica conquistar a sua segurança. No mais é um paiz sadio, habitado por uma população numerosa, valente e aventureira na industria, e que deve á sua situação geográfica o ser o emporio de vastissimo commercio. Mão grande tanta motivação que devia solicitar a cobiça da Inglaterra, soube esperar a occasião, e hoje sem combates, sem violencia, vê o reino de Ranjet-Singh obrigado a lançar-se-lhe nos braços e a pedir-lhe humildemente o beneficio da sua tutela. Ao ler a narracão que os jornaes da India nos dão desses sucessos, dir-se-há que a Inglaterra tem de violentar a sua vontade para resignar-se a aceitar esse territorio tão importante e de tão longo tempo cobiçado. No que refere essas folhas ha exageração manifesta, e por nossa parte não acreditamos em tanta modestia e desinteresse: temos mesmo por certo que homens tão habéis, servidores tão zelosos do seu paiz, como são o Sr. Currie e o coronel Lawrence, não deixarão de empregar todos os recursos da sua politica para provocarem um desfecho tão vantajoso ao seu paiz; mas, para ser justo, sempre reconhecer também que a força das cousas, o temor que inspirava aos asiaticos a idéa de tornarem a ficar abandonados a si mesmos, teve muito mais influencia nestas circunstancias, do que todo o talento dos agentes ingleses. Referiremos aqui como se passarão as cousas:

Todos se lembrão sem dúvida das scenas de violencia, das revoltas, dos assassinatos e dos crimes de toda a casta que assolou o Punjaub por falecimento de Ranjet-Singh; todos se lembrão também da situação politica desse paiz em fins de 1845. Estava então dividido entre duas influencias principaes, ambas demasiadamente fortes para poderem destruir-se sem uma longa serie de novos combates. De um lado ao occidente, um dos mais poderosos sirdars do Maharajah, Goulab-Singh, tinha conseguido criar um pequeno principado onde era muito dificil ataca-lo; do outro uma regente, a Rainha chanda, em nome do ultimo neto do Maharajah Dhalip-Singh, que contava então cinco annos de idade, exercia uma autoridade muito contestada no resto do reino, coadjuvada pelo seu vizir o amante Lall-Singh. A rainha regente tinha em apparencia a maior parte do poder, mas a essa mesma supremacia andava ligado um perigo grave; era o exercito criado pelo Maharajah, no qual só o seu heroísmo podia manter a disciplina. Para pôr termo ás revoltas incessantes desse soldados, para se livrarem delles, a rainha e o seu vizir consentiram, e talvez os excitasse mesmo a invadir o territorio inglez. Aconteceu o que se prezava: formado por officiaes franceses batente bem o exercito sikh, mas por fim despois de quatro batalhas sanguinolentas das das umas apôs outras, deixou a passagem livre aos Ingleses vitoriosos, em cujos braços se lançou pressuroso a rainha regente pedindo lhes apoio e protecção. Pelo tratado do Amritsar, celebrado em mar-

p. p., garantisse a coroa a seu filho e a elle a posição de regente, e assim de dar-lhe meios de restabelecer a ordem no seu reino, agitado por tantas convulsões violentas, concedeu-se lhe a pedido seu, e por um anno, o socorro de uma guarnição de dez mil homens de tropa ingleza, impondo-se lhe por condição que pagaria uma parte das despesas da guerra, e que reconheceria a existência oficial do principado de Dzamon que se ergio em estado independente, em favor de Goulab-Singh que os Ingleses queria recompensar, pela neutralidade que observara durante a guerra. Erao condições muito generosas, mas das quais em realidade nenhuma vantagem devia colher.

Com a imprevidência que caracte-
riza os Asiáticos, a desventurada prin-
ceza, em vez de aproveitar a segurança
que lhe dava a presença das tropas in-
glezas para restabelecer alguma ordem no
seu reino, consumiu todo o tempo em fes-
tas dispendiosas, em extravagâncias, es-
candalisou o público aliás pouco escru-
puloso da sua capital com a loucura dos
seus amores, e lançou-se em uma intriga
que serviu de pretexto para a sua perda.
Nem ella nem o seu valido Lall-Singh
podia perdoar a Goulab-Singh a sua for-
tuna, e fomentarão uma insurreição con-
tra elle no valle de Cashemira. Ham-
mussulmano, o cheikh Iman-Oud-Din,
julgando-os por sem dúvida apoiados pela
Inglaterra, poe se à testa da revolta; mas
quando viu as tropas inglezas virar em
socorro de Goulab-Singh, tratou logo
de capitular, e entregando-se à mercé do
coronel Laurence, deu-lhe umas cartas
que recebera de Lall-Singh. Essas cartas,
de que os Ingleses souberão aproveitar-se,
produzirão o desfecho que as últimas no-
tícias da India nos anunciam.

Era chegado o mez de dezembro, época em que devia terpinhar a occu-
pação ingleza. Os Ingleses, fiéis à letra
dos tratados, fazido os seus preparativos
de partida; um dos seus regimentos es-
tava já em marcha para passar o Sut-
tledge, quando no dia 3 foi convocado o
vizir Lall-Singh para comparecer na bar-
raça de estado do S. Currie, agente po-
lítico do governo inglez no reino de La-
hore. O Sr. Currie, sir John Little, e
os coronéis Laurence e Goldie ali se ti-
nhão reunido em tribunal, ao qual assis-
ta o cheikh Iman-Oud-Din rodeado dos
ministros e de todas as pessoas de alguma
importância que então se achavão na ca-
pital; e para que nada faltasse à solemnidade
desta cena singular, mandou o Sr.
Currie que de todos os lados se levanta-
ssem os pannos da barraca, afim de
todos poderem ver o que se ia passar.
Tratava-se de processar o malfadado vizir.
Logo que este se sentou, levantou-se o
cheikh e obrigou-o a reconhecer por si-
nas as cartas acusadoras. Lall-Singh fica
estupefacto e não responde. Os oficiais
ingleses deliberão para salvar as formulas
e annuncio aos ministros e ás mais pessoas
presentes, que a Inglaterra rompe todas
as relações políticas com um governo cujo
chefe fomenta insurreições contra Goulab-
Singh, contra um aliado fiel da Grã-Bro-
tanha. Os Indios pedem permissão tam-
bem para deliberar; proclamão acto con-
tinuo a demissão de Lall-Singh, e para
salva-lo do furor popular, decidem que o
criminoso será entregue aos Ingleses, que o
deportarão para Bengala, onde poderão

enterra-lo num dessas prisões de estado
onde lentamente se tem extinguido tantas
familias de principais. Ao mesmo tempo,
e para que não padecesse os negócios pu-
blicos, nomeou-se uma commissão composta
das principais pessoas presentes, para
dar o seu parecer sobre a formação de uma
nova administração.

Era o ponto em que os esperava a po-
lítica ingleza. Enquanto os sirdars discuti-
am sem poder chegar a um acordo, con-
tinuavão os Ingleses, sem dizer palavra,
seus preparativos de partida, certos de que
podia a todas essas personagens, divididas
por tantos odios, interesses e ambições in-
conciliáveis que concordassem sobre a salvação
independencia do seu paiz, esta emigra-
ção delles o impossível. E de facto, após
dois dias de conferencias inuteis, tolos
elles (erao mais de 70) possuidos de terror
com a idéa de que poderia ocorrer depois
da partida do exercito de ocupação, se
apresentarão na barraca do S. Currie para
pedir-lhe que aceitasse em nome da
Inglaterra o protectorado do Lahore, isto
é, o aniquilamento politico do seu paiz.
Os Ingleses cederão nos votos que lhe erão
exprimidos por maneira tão toante, estabelecendo
porem as suas condições. Consentindo,
em nome do governador geral da India, em que o Punjaub seria ocupado
por uma divisão de 10,000 homens, du-
rante a minoridade do jovem Maharajah,
e que o residente inglez na corte de Lahore
se dignaria exercer as funções de vizir,
exigirão q. a administração do paiz lhe fosse
confiada; que ninguém no futuro pedesse
ser vizir nem regente mesmo de nome, e
que o Punjaub se compromettesse a pagar
a somma anual de 22 lucas de rupias para
cobrir as despesas na ocupação. Ao mes-
mo tempo, e para que ningen ficasse le-
sado com estes novos arranjos, estipulou-se
que a rainha regente, que não quizera as-
sistir ás conferencias, receberia uma pen-
são de 375,000 francos. Com estas con-
dições consentirão os Ingleses em contra-
mandar a partida das tropas, e em apode-
rar-se definitivamente do Punjaub.

(Jornal do Comercio.)

MARANHÃO.

Publicações a pedido.

— Illm. e Exm. Sr.— Não podendo en-
cobrar a importancia do custo de algumas
obras de que sou encarregado sem que te-
nha de sofrer um processo crime ou civil,
ou uma delonga tal que equivaler a um pre-
juizo certo, porque o Procurador fiscal An-
tonio Joaquim Tavares, que é o meu capi-
tal, valendo-se do seu emprego para satisfa-
cer vinganças particulares, poein toda a sorte
de estóicos e tropeços aos meus requerimen-
tos à Fazenda, conto não he desco-
nhecido a V. Exc. a quem mais de uma vez te-
nho recorrido, seja para mandar satisfazer
pagamentos que erao por elle embarracados
debaixo dos pretextos os mais futeis, seja
para me mandar prestar com antecipação
a importancia de algumas obras, afim de
evitar os referidos embarracos e tropeços;
e como na qualidade de oficial Engenheiro
seja obrigado a dirigir as obras da Nação,
mas não a sofrer graves prejuizos e en-
commodos, já nos pagamentos demorados,
ja nos processos crimes e civis em que
tenho de defender-me á muiia custa, para
o que ho pequeno o sollo e gratificações
que recebo: rôu regar a V. Exc. que at-

tentos de meias ponderadas haj. de ser-
vir-se, quando me encarregar de obras da
minha direccão para o simples determina-
ndo q. o Tesouraria que me forneça os
materiais e operarios contanto que eu seja
ouvido sobre a qualidade dos primeiros, e
propriedade dos segundos.

Não he vao receio em mim, Exm. Sr.,
quando procura subtrahir-me a meu trabalho,
que, por não haver na Província uma
Reportação fiscal d'obras publicas, sempre
carregam sobre os Engenheiros encarregados
das obras: eu falso da compra dos ma-
teriais, e ajustes dos operarios; mas ja se
não trata de processos crimes de concus-
sao contra mim, talvez porque, vitorioso
ou sempre n'elles, cabe á Municipalidade
o pagamento das custas; agora só os in-
vidos processos civis nos quais não temho-
samente de carregar com as despesas in-
herentes a um processado, mas com as das
custas, embora vitorioso fique, como es-
pero dos Tribunais do Paiz que me hao
sempre feito justiça.

Tendo exposto a V. Exc. as razões que
me obrigaõ a pedir a despença de ser en-
carregado da compra de materiais, e ajuste
d'obreiros, resta-me acrescentar que julgo
prudente subrestar no começo de algu-
mas obras de que ja tinhão sido encarregado
ate que V. Exc. se sirva desfaz-me como
for de justiça.

Deos Guardo a V. Exc. Maranhão 8
de Junho de 1847.— Illm. é Exm. Sr. Dr.
Joaquin Franco de Sá, Presidente da
Província.— Juze Joaquim Rodrigues Le-
pes, Major, graduado do I. C. de Enge-
nheiros.

Sr. Redactor.

Não é por certo, Sr. de minha alma,
o trabalho de dirigir-lhe uma correspon-
dencia, que ora me faz pegar da pena e
sim o desejo de novamente fazer appare-
cer á luz dos prelos, os 2^o seguimentos arti-
tigos do *Unitario*, outrora escrito sob
a influencia dos Srs. Mariani, Cerqueira
Pinto, D. Francisco, Angelo, Corsino, Ta-
vares & contra o puro cabano, o Sr. Can-
didio Mendes d'Almeida.

Ellos—

O BRADO DE CAXIAS.

— He com este titulo que o bom conhe-
cido Cândido Mendes d'Almeida, acom-
mette os honrados Caxienses. Fiz o pri-
meiro do Picapá, e Opinião Mar-
anhense, o Brado de Caxias não he mais
que um posto onde os folcloricos vao pres-
gar os seus quotidianos pasquins. Caxias
que ainda não tinha passado phala etia ter-
rivel de se ver com huma impresa pros-
tituida, e só de propósito ali estabelecida
para concitar os odios e rivalidades pesquac-
es, está muito ameaçada por esse pugil de
desvarriados, perdidos inteiramente na oppo-
sição publica..... Cineo numeros tem chegado do Brado de
Caxias á esta Cidade, e supposto fosse op-
inião seguida e invariável de que bastas-
vão os seus autores, temos de confessar
que os Cidadãos mais respeitáveis daquella
Comarca, e as primeiras autoridades não
sao poupadãs aos deutes venenosos dos si-
carios intitulados amigos da ordem; e que
tomaria por primeira pessoa o Dr. Far-
tado contra quem arremetem esas mis-
traveis rabiscadoras. A chegada do Dr. Juiz de Dírito foi an-
nunciada com mil improprios, só proprios
dos escrevinhadores do immortal Picapá,

e o Dr. Vaz huma das pessoas de distinção e respeito indiferente a partidos, além de outros individuos, e cuja fama he digna em Caxias da maior consideração também não escapou ao diluvio universal....

Talvez que estes folclorios que não respeitam no Picapau, e Oppiuão Maranhense a honra e vida dos Maranhenses nesta Cidade tenham de arrepender-se em Caxias mais tarde....

(Do Unitario n. 9. de 4 de Outubro de 1845.)

—

— Temos de annunciar ao publico dessa Capital que em Caxias cessou o Brad, e que em seu lugar appareceu o Jornal Caxiense—mais contrite e arrependido do que o primeiro, porém sempre filho do Sr. Cândido Mendes d'Almeida.

(Do Unitario n. 18 de 25 de Abril de 1845.)

Avista pois desse 1º artigo, e com especialidade do 2º, bom é de crer que apareça em vez do Jornal Cariense—o prometido—Estandarte—, porém sempre filho do Sr. Cândido Mendes d'Almeida.

Sou, Sr. Redactor,
Hüns Chronista.

A REVIGA.

O ESTANDARTE.

— Saliu á luz o tão prometido e apregoado Estandarte, e saiu com o emblema de seu nome enrolado em funeral, o que é de tristissimo agorão para o partido a que pertence, pois parece annunciar lhe o destroço: vem substituir na imprensa o lugar do desunto Unitario de aguda memória, é publicado no mesmo formato e papel, e redigido pelas mesmas pennas com poucas variantes. O seu 1.º n.º traz a data de 10 de junho, e contém artigos que parecem escriptos a mais de mez, sem referencia alguma á actualidade, e todos no mesmo alamir: é uma especie de toada monotona e fatigante.

A graça é que o novo orgão do partido exclusivo, que começa por pregar ad ephesos como o seu antecessor, estampando artigos retardados e bolorentos, accusa por prevenção as folhas ligueiras de escreverem, não para a província onde são publicadas e lidas, mas para a corte onde não podem ter echo senão remoto e amortecido. Uma tal arguição feita por aquelles mesmos que guardando entre nós o mais completo *mutismo*, apenas davão copia de si, mandando por um canal, já hoje bem conhecido, inserir lá ao longe na *Sentinella da Monarquia* certas correspondencias em que erão desfiguradas nossas causas, mais excita o riso que a indignação, pelo que tem de inverosimel, contradictoria e absurda. Os do Estandarte estão-se, como lhe dizem, sangrando em suade, mas por forma tal que cada vez mais se entravão, como se observa neste trecho: "Os impressos (periódicos) são muitas vezes demorados nas typographies a espesa da saída do vapor para o sul, afim de os não poder acompanhar uma só carta particular que possa esclarecer a verdade." Ora as folhas inculpadas sahem todas regularmente, em dias certos e determinados, havendo entre elas uma que até sahe diariamente: por tanto os tais Srs., quando nos imputam aquilo que praticam, não fazem

(*) Aliudimus a moço sobre o secretario do governo apresentada e conselhado pelo Sr. D. Francisco.

mais que patentear a vergonha do mundo as proprias miserias. Bem certo é que mais depressa se apanha um mentiroso, que um coixo.

Não é menos divertido o merito que se arroga do partido que aderiu a independencia do coração, quando é certo que os partidos tem passado por modificações e metamorphoses tais, durante o quarto de seculo em que somos nação independente, que os que restam dentro quantos adheriram á independencia do coração, se achão justamente distribuidos por todos elles. Era preciso ser Estandarte para avançar semelhante proposição.

A conciliação foi aqui pregada e proclamada por 4 trombetas, organizou se e constituiu se em partido político, formado dos elementos de todos os outros que se achavão decompostos ou dissolvidos pela violencia dos governos de minoria, que pesarão sobre nós os homens do exclusivo, ou o pequeno grupo que se tinha aposado de quasi todas as posições oficiais, acumulando cargos sobre cargos, não adherirão á conciliação porque não querão partir o que desfrutavão a sós, mas não usavão boquejar contra elle, (tao justa e rasoavel era causa!) senão nas correspondencias do Sr. Cândido Mendes, em que a mandava vituperar e desnatural no Rio de Janeiro; sentião se fracos de tão poucos que erão, para combatel a de frente, e apellavaõ para os manejos surdos; agora porém que esses vada aprovitão, e se veem em risco de perder as tão queridas posições, seja pela eminente decisao das urnas eleitoras, seja porque ja se achão em minoria na assemblea provincial, fazem das fraquezas forças, e protestão abertamente contra a conciliação que lhes não convém, arvorando o seu Estandarte de luto sobre as ruinas da Babilonia de corrupção em que vivião, ou antes vegetavão.

O Sr. Franco de Sá que, comprehendo as necessidades da situação, se colocára prudentemente no centro dos partidos, ao tomar as redeas da administração, e não se apoiou no partido da conciliação que organizara por sua politica, em quanto não romperão em hostilidades contra elle, fazendo-lhe oposição desleal (*) e systematica, já é para elles um mau presidente que oprime o partido bem tevi a que pertencia, só porque se lhes não curvou, como alguns de seus antecessores. Si se tratasse aqui de denominações de partidos, diríamos que a melhor e maior parte do partido bem tevi está na confiliação ou liga que apoia a administração; mas não se trata de denominações ociosas e contestáveis e nem tão pouco de oppressão que não existe; trata-se de governo e oposição, e de saber de que lado está a rasaõ e a justiça. Mostre o Estandarte quais são os actos condannaveis do governo provincial, si quer que a sua oposição pareça justificada, porque em quanto o não fizer, a razão estará do lado daquela. Bem disse uma das filhas da liga (o Correio Maranhense), que o Sr. Franco de Sá devia contar que tinha contra si a gente do exclusivo, desde que se não sujeitou a servir-lhe de instrumento.

Tambem pedem a S. Exc. que se declare, e não sabemos de que especie de declaração se trata; pois, além da que fez

S. Exc. no seu programma, entendemos que lhe não é permitido fazer outra, visto como o presidente é o administrador da província, e não de qualquer partido. Mas si é a posição de S. Exc. que se refere, e por tal concebem a sua declaração, nesse caso a attitude energica que tomou S. Exc. em presença das hostilidades do partido de que são orgão, deve convençelos de que o Sr. Franco de Sá soube, pela segunda vez compreender as necessidades da situação.

Fastidioso forá si quizessemos prosseguir na analise de um papel tão fértil em queixas vãas, quão estéril em factos, por que seria mister entrar em especialidades que reputam desprevisíveis, como essas intrigas que se pretendem mover entre o Sr. Franco de Sá e os seus parentes, ou tocar em factos anteriores a presidencia do mesmo Sr., e que não vem para o caso. Para que se fique fazendo idéa da boa fé e lisura com que escreve o Estandarte, basta saber-se que celebrando como uma grande victoria a reeleição do Sr. Angelo Moniz, cala a grande derrota que sofreu a oposição, quando se tratou na assemblea provincial da primeira questão apresentada pelo governo—a redução da força policial; questão posterior á da reeleição do Sr. Moniz, e em que o governo teve uma maioria de 17 votos contra 10, a que ficou reduzida a oposição que viu cair um por um todos os exertos que introduzira na proposta, como força elástica até 400 praças, guarda camprestre em todos os distritos da província, pensões a officiaes demitidos &c. Este facto pelo qual a oposição pretendia forçar o governo a receber muito mais do que pedia, ou tudo aquilo que julgava dispensável, é novo nos anais parlamentares, o caracteriza elle só a oposição do Maranhão como a mais extraordiaria de todas as oposições havidas, e por haver. Essa grande victoria económica obtida sobre tais perdidários, e em virtude da qual a força de polícia ficou reduzida ás 200 praças que pedia o governo, realizou-se até ao dia 8, o Estandarte saiu com data de 10 do corrente, e correu-lhe a esponja por cima sem a menor comemoração. Eis-ahi o que é escrever para a província, e não para a corte!

— No dia 7 do corrente foi demetido de inspector do tesouro publico provincial, o Sr. Paulo Nunes Cascaes, que na questão económica de redução da força policial fez oposição ao governo, e cuja inhabilitade para exercer este importante cargo era alias reconhecida. Foi nomeado para inspector do referido tesouro o Sr. Dr. Alexandre Theophilo de Carvalho Leal.

AVISO.

— Vende-se dous escravos, um molato cabra, de 18 a 19 annos de idade, e oficial de alfaiate, porem não corta, e outro de 21 a 22 annos oficial de pedreiro quem quizer compralos dirija-se a rua da Paz, casa nova de sobrado sem n.º defronte da em que mora o Sr. Antonio Domingos d'Azevedo.

Maranhão, Typographia da TEMPERANCA—1847,
Impresso por M. P. Barnes, rua Fonsêca n.º 2.